

ESTUDO SEMIÓTICO DA PAISAGEM NA POESIA DE CASSIANO RICARDO

*Eliete Cristina dos Santos*¹ *Valeria Zanetti de Almeida*²

¹ Aluna do curso de História e Geografia, Universidade do Vale do Paraíba. Av. Shishima Hifumi 2911 - Urbanova, 12244-000 - São José dos Campos, SP e-mail: elietesantos13@hotmail.com

² Professora orientadora Valeria Zanetti de Almeida - doutorando em História na PUC de São Paulo, professora na Universidade do Vale do Paraíba. Av. Shishima Hifumi 2911 - Urbanova, 12244-000 - São José dos Campos, SP e-mail: vzanetti@univap.br

Palavras chave: Poesia, Semiótica e Paisagem.

Área de Conhecimento: VII - Ciências Humanas

RESUMO- O estudo realizado no poema “A flauta que me roubaram” do poeta joseense Cassiano Ricardo, possibilitou-nos encontrar traços do conceito de paisagem abordado pela Geografia Tradicional. Isto foi possível porque aplicamos a leitura semiótica peirceana na poesia. Nossa trajetória de pesquisa levantamos a princípio a biografia do poeta. A qual confrontada com a história contemporânea brasileira possibilitou-nos perceber e reconhecer o quanto Cassiano Ricardo, esteve presente em alguns dos acontecimentos mais importantes do país. Como por exemplo a Semana da Arte Moderna de 22. Cidadão agente, formador de idéias, jornalista crítico e poeta talentoso, Cassiano produziu obras que nos revelaram sua visão de mundo e sua postura humanista e artística, sempre coerente. O contato com a poesia ricardiana foi a base que nos levou a levantar todo um estudo voltado a imagem. Da sua poesia estudamos a mensagem que se revelava na imagem fornecida pela palavra. O resultado foi o contato com alguns sinais que revelam traços de uma São José do início do século passado.

INTRODUÇÃO

A poesia para um grande número de pessoas é considerada uma leitura frugal. Tomada de sentimentalismo e afeita ao gosto de poucos. Por conta disso o grande público leva a crer que ler poesias pode ser um exercício enfadonho. Imaginasse que o poema é incapaz de descrever algo que vá além da esfera dos sentimentos. Engana-se quem pensa assim. A interpretação, ou melhor, a decodificação da poesia, em específico as de Cassiano Ricardo requer do leitor uma visão aprimorada capaz de atravessar as diversas faces lingüísticas constituintes de uma palavra. Um olhar mais atento consegue desvendar, na sua mais profunda essência, os elementos que as formam e os que são formados a partir delas. A palavra assim, revela-se em um instrumento utilizado pelo poeta para retratar a sua visão de mundo, numa dada

complexidade. Como nos explica Cassiano Ricardo “no poema, a palavra é que faz nascer o espaço”. Em poesia a comunicação se dá não só por meio das palavras, mas, também, e sobre tudo, pelo não verbal, isto é por intermédio de imagens [1]. Neste presente trabalho, é exatamente a imagem – em termos semióticos - o elo que liga poesia a geografia. E para que a paisagem do poema seja paisagem em geografia, consideramos o conceito de paisagem encontrado na Geografia Tradicional. Sendo assim, numa das múltiplas definições de Geografia, na indefinição do objeto desta ciência, alguns autores vão definir a Geografia como o estudo da paisagem. Para estes, a análise geográfica estaria restrita aos aspectos visíveis do real. A paisagem apresentada como objeto específico da Geografia, é vista como uma associação de múltiplos fenômenos, o que mantém a concepção de ciência de síntese, que trabalha com dados de todas as demais

ciências. Esta perspectiva apresenta duas variantes, para a apreensão da paisagem: uma, mantendo a tônica descritiva, se dedia na enumeração dos elementos presentes e na discussão das formas – daí ser denominada de morfológica. A outra, se preocuparia mais com a relação entre os elementos e com a dinâmica destes, apontando para um estado de fisiologia. Isto é, do funcionamento da paisagem. A perspectiva da morfologia apresenta, em sua gênese, fundamentos oriundos da estética. Esta se define como ciência daquilo que é objetivamente admirável sem qualquer razão ulterior [2]. Nesta Geografia é a individualidade local o que importa. Esta propõe, como objeto de estudo, uma unidade espacial, a região, passível de ser individualizada, em função de um caráter próprio [3]. A paisagem como objeto é elemento de estudo tanto na Geografia Tradicional quanto na poesia se, ambas forem investigadas através da Semiótica – mais especificamente no estudo dos signos na estrutura peirceana. Desse modo, o objetivo do trabalho foi estudar a fundo a produção poética de Cassiano Ricardo. Trazer a tona elementos “escondidos” e tentar remontar imagetivamente a paisagem “descrita” no poema.

METODOLOGIA

Para se remontar imagetivamente a paisagem do poema “A flauta que me roubaram”, que se refere a São José dos Campos do início do século passado, foi realizado o seguinte procedimento:

- Levantamos a biografia do autor. Em seguida revemos suas obras. Cassiano Ricardo escreveu textos jornalísticos, ensaios, publicou prosas e poesias. Selecionamos apenas as obras poéticas. Em geral encontramos a citação de dezenove obras, que vão desde Dentro da noite (1915) até Jeremias sem Chorar (1964).
- Determinamos períodos, no tempo, para melhor compreendermos a produção ricardiana. O propósito foi verificar o estilo adotado pelo poeta, a estrutura e o conteúdo das obras. O conjunto de sua obra poética, pôde ser dividida em três partes: a primeira parnasiana – simbolista que

começa com a obra Dentro da noite (1915). Nesta fase a produção tem forte descrição da natureza e de um romantismo jovem. A segunda fase, modernista e nacionalista surge com a publicação do livro Vamos caçar papagaios (1926). A poesia de Cassiano Ricardo na obra Martin Cererê (1928), e Deixa Estar Jacaré (1931), estão igualmente ligadas à fase de nacionalista. Com o livro de 1928 Cassiano canta o expansionismo bandeirante. Martin Cererê propunha uma visão poética da história pátria. Buscava a mitologia nacional, vinculava-se à civilização industrial. É poema da terra. De grandes cidades, produto eufórico de um momento eufórico, de um instante de crescimento, de formação de uma consciência de grandeza. Descrevia uma raça nova produto da miscigenação. Raça que fora anunciada pelos modernistas desde as primeiras horas do movimento e que deveria produzir um tipo especial de brasileiro. A terceira fase abre com Jeremias Sem Chorar, de 1964. Trata-se de uma obra representativa da posição de um poeta experimental que veio de bem longe em sua vivência estética e, nesse livro, está em pleno domínio das técnicas gráfico-visuais vanguardistas e apresenta a poesia Concreta. Prova disso são os poemas “Translação” e “Gagarin” [4]. Um dado importante que diz respeito à poesia concreta é o vínculo que esta possui com a realidade político-social que circunda o universo de criação do poema: a poesia, nestes termos, passa a ser um retrato dos acontecimentos sociais que fazem parte do conhecimento de mundo do artista [5].

- Encontramos na fase nacionalista na obra Um dia depois do outro (1947) o poema A Flauta que me roubaram, que devido a descrição explícita da cidade de São José dos Campos consideramos que esta poesia seria o objeto apropriado para nosso estudo da imagem como paisagem.
- Focalizamos os estudos posteriores em apenas uma poesia. Verificamos

estilo, estrutura, mensagem – conteúdo, menção do autor. Por fim aplicamos uma breve especulação semiótica que complementa os estudo a que nos propomos.

Resultado e Discussão

A flauta que me roubaram

Era em São José dos Campos

E quando caía a ponte
eu passava o Paraíba
numa vagarosa balsa
como se dançasse valsa.
O horizonte estava perto.
A manhã não era falsa
como a da cidade grande.
Tudo era um caminho aberto.
Era em São José dos Campos
no tempo em que não havia
comunismo nem facismo
pra nos tirarem o sono.
Só havia pirilampos
imitando o céu nos campos
Tudo parecia certo.
O horizonte estava perto.

Havia erros nos votos
mas a soma estava certa.
Deus escreve direito
por pequenas ruas tortas.
A mesa era sempre lauta.
Misto de sabiá e humano
O meu vizinho acordava
tranquilo, tocando flauta.
Era em São José dos Campos.
O horizonte estava perto.
Tudo parecia certo
admiravelmente certo[6].

As composições poéticas de Cassiano Ricardo têm a imagem como elemento forte. Cada palavra possui e produz na mente uma cor, um brilho, os quais contribuem para o enriquecimento “imagético” do texto poético e, quando reunidos para a construção do poema, deixam fluir todo o seu potencial “artístico”. Cada linha funciona como representasse uma “imagem”, que quando combinadas formam uma unidade harmônica. O poema inicia com o primeiro verso remetendo o leitor ao passado.

Prepara-se a mente o quadro amarelado do passado. Nos quatro primeiros versos do estrofe, Cassiano dá seu ritmo a imagem composta de: rio Paraíba, ponte e balsa por sobre as águas do rio. O poema prossegue comparando a São José de antigamente em oposição a grandeza, da cidade grande que oprime e oculta as pessoas. Termina citando a natureza recortando uma imagem do céu em síntese com o sentimento de tranquilidade geralmente presente nos habitantes de cidades pequenas. No último estrofe, em seus dois primeiros versos, revela-se a lógica sócio-político da época e da região. Nos dois versos seguintes, Cassiano fundindo um trecho religioso a imagem das ruas, lança com isso, o leitor a reflexão, e soma à ela ironia, referindo-se ao poder local. Finaliza o poema deixando a sensação de algo perdido. Sobre algo que lhe foi tirado e que no presente - no instante em que escrevia - ainda lhe fazia falta. Algo que lhe agrada, mas que se encontra no passado junto com a cidade, que já não existe mais. Com este sentimento o poeta encerra justificando o título do poema.

“A Flauta que me roubaram”, relembra sua infância vivida em sua cidade natal: uma São José dos Campos tranqüila e não industrializada, totalmente diferente da São Jose atual. Neste poema, Cassiano apresenta uma visão poética da cidade, que demonstra sua infância feliz em um local bucólico, perfeito, imerso na cultura de seus habitantes.

Investigando as fontes bibliográficas, encontramos o seguinte trecho que nos revela e confirma nosso estudo. Citamos abaixo, parte do discurso proferido por Cassiano Ricardo, em visita a São José dos Campos, onde recebeu homenagem pelo 50 anos de atividade poética. “...Um dos livros escrevi, o “Martin Cererê, sob o aspecto do amor a terra, a nossa paisagem rural e humana, reflete o tempo em que vivi na pequena fazenda de meus pais, em Vargem Grande, além do Paraíba e do Buquira. Não poderia eu ter escrito, por ex.,”Soldados Verdes” e “Florada” sem esse contacto com as coisas da roça que, na adolescência, conheci e amei, em meu município. Ausente da terra de meu nascimento, quanta vez o seu retrato me apareceu na memória com a nitidez dos fatos aqui vividos, com a imagem de todos quantos foram meus amigos, desde a meninice. Minha poesia, em várias

passagens, reproduz S. José dos Campos. Um S. José ainda sossegado, de ruas quietas e hábitos tranquilos.”Era em S. José dos Campos. E quando caía a ponte(segue a poesia).Este S. José de que falo em meu poema lá se foi com o tempo, com os idos de 1910. Dois pormenores aí figuram , que desejo explicar: o da ponte sobre o Paraíba, que não raro caía, abrigando o menino, que era eu, a atravessar o rio em balsa, quando vinha do sítio de meus pais à cidade; e o do vizinho que tocava flauta. Quem era ele? Não serei indiscreto em dizer que se tratava de Teodoro Mascarenhas, que foi meu querido colega no quarto ano do grupo escolar e a quem rendo o meu preito de saudade [7].

Conclusões

Dizia Mário Quintana - que a poesia não é uma fuga da realidade e sim uma fuga para a realidade. Mas tal verdade precisa ser experimentada de modo criativo, ou não será experimentada de modo algum. Devemos antes de tudo resolver o problema da realidade, antes de prosseguirmos com a nossa pesquisa.

De modo algum devemos considerar com fidelidade a descrição daquela São José de Cassiano como a S. José que um dia existiu. Sabemos que o que foi jamais retorna o mesmo. Aquela São José está no passado e trazê-la intacta é algo impossível. Portanto para considerarmos a imagem poética como descrição da paisagem em termo de Geografia, recorreremos a semiótica. Diferenciamos as imagens. Uma o observador contempla a paisagem porque está presente. Sendo outra, a imagem presente na poesia que por sua vez é uma imagem mental e logicamente em hipótese alguma é a primeira imagem [8]. O poeta recria a imagem através da literatura seguindo suas regras. A poesia trabalha com frases mais livres e soltas. Nas frases poéticas segue uma orientação analógica. O leitor recompõe suas próprias imagens com maior ou menor criatividade recorrendo ao

seu repertório de imagens retirado de seu dicionário mental. Assim as metáforas são transporte. Elas aproximam sentidos distantes e isso exige percepção e imaginação. O poeta exercendo sua atividade em plenitude torna possível a “patentização”, e nisso consiste recriar a “realidade”. Esta imagem a que Cassiano se refere na poesia “A flauta que me roubaram” foi retirada da lembrança. Um dia o poeta chegou a presenciar a paisagem daquela S. José e através da poesia conseguimos recolher traços daquela paisagem que não se encontra mais. Portanto sendo a paisagem dinâmica no momento em que o geógrafo a capta, no instante seguinte ela já mudou. Mesmo uma foto antiga, outra mais recente (digitalizada), ou mesmo a paisagem transcrita numa poesia não passam de simples sinais da paisagem real, que um dia foi contemplada.

Referências Bibliográficas

- [1] [http://www. Kplus.cosmo.com.br](http://www.Kplus.cosmo.com.br)
- [2] Santaella, L.; (1983) O que é Semiótica. 1ª ed., São Paulo ,ed brasiliense,p.29.
- [3] Moraes, ^aC.R., Geografia Pequena História Crítica. São Paulo, ITEC, p.12-16.
- [4] Ricardo, C.; Jeremias sem chorar.2ª ed., Rio de Janeiro, ed. José Olympio, p. 108-117.
- [5] [http://www. Kplus.cosmo.com.br](http://www.Kplus.cosmo.com.br)
- [6] Ottoboni, J.; (1999) A flauta que me roubaram. 1ª ed., São José dos Campos, Petrobrás, p.146.
- [7] Monteiro, ^aM., (2003) Cassiano : fragmentos para uma biografia.1ª ed., São José dos Campos: UNIVAP, p.284.
- [8] Santaella, L.; (2002) Semiótica Aplicada.São Paulo, ed Thomson, p. 8.